



BIBLIOTECAS
MUNICIPAIS
DE LISBOA

Cinema: semanário cinematográfico (Porto, 1932-[1934]) – Revista ilustrada, em 41 números nas existências da Hemeroteca Municipal de Lisboa (23 de Janeiro de 1932 a 31 de Dezembro de 1932), com periodicidade semanal (quinzenal a partir do n.º 101) e 15 páginas (a numeração inclui capa e contracapa), direcionada para a informação, divulgação e crítica das atualidades do cinema. Era seu proprietário e diretor **Alberto Armando Pereira** (1902-1997), tendo **Eugénio Peres** como administrador e editor e **João Santos e Sousa Martins** como redatores.

A administração e a redação da *Cinema* situavam-se no n.º 436-3.º da Rua do Bonjardim, no **Porto**. Era composta e impressa nas oficinas da Empresa Aquila, na Rua Duque de Saldanha, na mesma cidade. As páginas desta revista são compostas de texto, fotografia e anúncios, mantendo o seu registo gráfico semelhante do início ao fim, sendo que o desenho da capa e logótipo do título sofrem ligeiras alterações no decurso das diferentes edições (três versões).

As assinaturas tinham os seguintes preços – para o Continente e Ilhas: Trimestre, 124\$00, Semestre 24\$00, Ano, 46\$00; para o Ultramar: Trimestre, 14\$00, Semestral, 29\$00, Anual, 56\$00. Cada número avulso custava 1\$00. A série disponibilizada pela Hemeroteca Digital surge na sequência da fusão de uma outra, homónima, publicada entre 30 de Outubro de 1931 e 12 de Janeiro de 1932, com **Filmes**, revista editada pela empresa Aquila, desde 17 de Dezembro de 1931, mantendo-se por 5 números até ao surgimento de *Cinema*. Para além da série disponibilizada, dá-se conta da existência de uma edição até ao n.º 105 (1934), na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, e do n.º 1 ao 42 (1932) e 43 a 110 (1933-1934), na Cinemateca Portuguesa.

PROGRAMA EDITORIAL

A acompanhar o primeiro editorial, intitulado “O Cantinho dum Cinéfilo”, uma imagem chegada dos estúdios da MGM [Metro-Goldwyn-Mayer] elucida-nos acerca dos “mais diversos tipos de *girls*, capazes de satisfazerem os mais esquisitos paladares cinéfilos...”. As pernas e os rostos das artistas norte-americanas certamente despertaram o leitor português, o que não seria possível, por exemplo, na Finlândia, tal como Alberto Armando Pereira refere, mais tarde, num artigo intitulado “A censura cinematográfica”: “Desde que foi criada a censura cinematográfica nos vários países, o critério dos censores é cada vez mais apertado, mais rigoroso, chegando a ser cortados os aspectos mais anódinos da vida cidadina. (...) Há também países onde é proibida a exibição de pernas ao léu: Na Finlândia, por exemplo, é tão grande a importância que dão às pernas que é proibido projectar mulheres subindo escadas.... A censura mais severa é certamente a deste país, que não só é inimiga encarniçada das pernas das *girls* como também proíbe em absoluto todos os filmes cujos argumentos andem em volta de quaisquer delitos, sendo igualmente inexorável com as cenas de suborno de funcionários. Todavia, os

impostos são um dos melhores argumentos da censura finlandesa; ainda não há muito, se o final de certo filme fosse exibido tal como estava, os impostos seriam sobrecarregados com mais 35%; mas se fosse exibido de forma ‘verdadeiramente artística’, sem a cena final, então o imposto não ascenderia a 15%... Terrível argumento este, que felizmente não é empregado em Portugal!...” (9 de Abril, pp. 9, 11).

A conduta editorial está em sintonia com os novos tempos em Portugal ou, pelo menos, não se deixa acanhar, projetando nestas páginas essencialmente a **evolução do cinema internacional**. A MGM era a referência maior de quem, em Portugal, confiava no progresso do cinema como indústria, já que foi um dos primeiros estúdios a experimentar filmagens em Technicolor (coloração de filmes), novidade na época.

O texto inicial do diretor da revista releva, por exemplo, o papel do português **João Portugal**, em Hollywood, como crítico de cinema no sítio certo e um colaborador desejado para corresponder ao programa da revista: “uma desenvolvida informação cinematográfica, com todas as garantias de autenticidade, informação *up-to-date*, condigna com o seu aspecto gráfico e com as beneficiações que projectamos e que procuraremos ir pondo em prática”. O editorialista refere-se também à polémica, na Alemanha, de os filmes falados em alemão, feitos em França, não terem o reconhecimento público, como tinham os filmes feitos em Berlim exibidos em França, bem como sobre a eventual exibição de “Luzes da Cidade”, de Charles Chaplin, em Portugal, que podia não ter correspondência pública face aos custos avultados.

Este interesse pela evolução do cinema internacional seria a tónica mais comum nas páginas dos números agora disponibilizados na Hemeroteca Digital, e não tanto os passos do (novo) cinema português. Este teria honras de análise mais alargada por parte de Alberto Armando Pereira, posteriormente (1933), quando por exemplo se refere à *Canção de Lisboa*, como “um trabalho consciente, positivo” (*Cinema*, 25 de Novembro).

CONTEXTO HISTÓRICO

A revista *Cinema* publicou-se num período singular da história do cinema português. Desde logo, **é consequência do interesse crescente, em Portugal, pelo cinema, com o surgimento dos primeiros filmes, das primeiras empresas de cinema de muitas revistas da especialidade e dos primeiros críticos**, entre os quais **Alberto Armando Pereira**, detentor de um curso comercial, mas o verdadeiro pioneiro do jornalismo cinematográfico, autodidata, sendo fundador do *Porto Cinematográfico* (1919) e *Espectáculo* (1927), bem como responsável por uma secção de cinema no jornal *O Primeiro de Janeiro* (1923-1924) e colaborador de *Invicta-Cine* (1925), de *Sport, Cinema e Teatro* (1926-1927) e de *Aquila* (1929-1930). A sua pena crítica atravessou fronteiras, pois foi convidado para colaborar numa revista de Barcelona, *El Mundo Cinematográfico*, e para a revista nova-iorquina *Cine Mundial*, para ambas como correspondente em Portugal.

As décadas de 30 e 40 revelar-se-iam muito profícuas, na produção de filmes, na criação de revistas da especialidade e no consumo público nas salas que se iam multiplicando em Portugal. **O Estado Novo foi um financiador de uma nova dinâmica, na qual surgiu um conjunto de realizadores.** Este contexto permitiu sonhar com uma indústria cinematográfica nacional de nível europeu, com intenções artísticas mas, também, propagandísticas e publicitárias, no caso dos realizadores mais sintonizados com o regime e de algumas das suas produções.

Em 1930, *Maria do Mar*, de **José Leitão de Barros**, suscitara todas as atenções, como uma novidade, perante o período pouco surpreendente da década anterior do cinema português. Aliás, aquele realizador é, na época, um homem multifacetado. Seria dele, também, o primeiro filme sonoro português (*A Severa*), com cenas de interior sonorizadas em Paris (estúdios Epinay) e realizado nesse mesmo ano. Foi um êxito notável, tanto da crítica, como do público, mas seria um caso único no panorama nacional desses primeiros tempos, já que a crise não deixou que muitas produções sonoras de imediato se seguissem. O papel de Leitão de Barros seria extraordinário, pois consegue contornar, com qualidade, a escassa existência de meios em Portugal. Mas, no ano seguinte (1931), uma comissão nomeada pelo Ministério do Interior apresentaria um relatório, sugerindo a construção de um estúdio, por iniciativa privada, para a realização de filmes falados em português. O primeiro número da revista *Cinema* sai pouco tempo depois de esta comissão concluir a sua tarefa, e dá conta desse facto.

No ano de lançamento deste novo periódico iniciou-se, portanto, a construção dos estúdios da **Companha Portuguesa de Filmes Sonoros Tobis Klangfilm** onde, no ano seguinte, **seria produzido o primeiro filme sonoro inteiramente rodado em Portugal (*A Canção de Lisboa*, de José Cottinelli Telmo).** A designação de “Tobis Portuguesa” seria referida nesta revista, pela primeira vez, pela pena de Alberto Armando Pereira (12 de Novembro, p. 5), passando a ser oficial no ano seguinte (1933). A criação formal dá-se em Junho de 1932, sendo que o Estado facilitaria a empresa com a isenção, durante cinco anos, do pagamento das contribuições predial e industrial como, também, dos direitos de importação de maquinismos, aparelhos e materiais necessários ao estabelecimento da sua indústria.

As condições que se abriam, tanto pela abertura deste estúdio, como pelo interesse crescente na produção de filmes por parte de investidores e realizadores, **levaram a resultados importantes, mais no que diz respeito ao papel do cinema como veículo de cultura popular (histórico ou de comédia), porque sem grandes rasgos de expressão intelectual.** Curiosamente, talvez esse papel tenha ficado um tanto limitado às revistas da especialidade, que defendem o renascimento da produção nacional, face ao predomínio no mercado português da produção americana.

Importa lembrar que estas revistas tiveram a sua origem com *Cine-Revista* (Porto, 1912) e *O Foco* (Torres Novas, 1913), seguindo-se, em Lisboa, *Cine-Revista* (1917), *O Film* (Lisboa, 1919), *O Animatógrafo* (Évora, 1919) e *Porto Cinematográfico* (1919), esta última da propriedade e direção do ainda jovem

Alberto Armando Pereira e sediada no n.º 436 da Rua do Bonjardim, na cidade (Porto) onde havia cinema desde 1906, no Salão High-Life (Feira de S. Miguel, atual Rotunda da Boavista), que ele frequentara.

Nos anos vinte, saíram *Cine Lisboa* (1923), *Portugal Cinematográfico* (1923), *Invicta Cine* (Porto, 1923), *Cine Teatro* (Lisboa, 1923), *Cinema* (Lisboa, 1924), *De Cinematografia* (Porto, 1925), *Cine Portugal* (Porto, 1926), *O Film* (Porto, 1926) e *Cine Jornal* (Porto, 1926).

Seria de novo Alberto Armando Pereira a fundar uma outra revista, *Espectáculo* (Porto, 1927), que junta o cinema ao teatro e desporto, publicada até 1930, chegando a ser diária durante alguns dias, no início de um período já sob a censura política, a partir do qual surgem: *De Cinema* (Lisboa, 1928), *Arte Muda* (Porto, 1928), *Cinéfilo* (Lisboa, 1928), *Imagem* (Lisboa, 1928), *Cine* (Lisboa, 1928), *Cine-Notícia* (Lisboa, 1928), *Cine-Teatro* (Lisboa, 1929), *Cine-Jornal* (Covilhã, 1929), *Cinegrafia* (Lisboa, 1929), *Filmagem* (Faro, 1929) e ***Crónica Cinematográfica: ecos mundiais do cinema*** (Lisboa, 1930) – o primeiro diário português de cinema –, *Kino* (Lisboa, 1930) – sob patrocínio do *Diário de Lisboa*, sendo a primeira publicação de cinema impressa em rotativa –, *Imagem* (2.ª série, Lisboa, 1930), *Da Plateia* (Lisboa, 1930), *Portugal Cine* (Coimbra, 1930), *Sonarte* (Lisboa, 1930), *Cine-Scalabis* (Santarém, 1931), *Projeção* (Coimbra, 1931) e *Filmes* (Porto, 1931), vasto número de títulos que antecede, no imediato, *Cinema*, a editada no Porto e, curiosamente, uma outra homónima, editada na Horta que, porém, apenas durou menos de um mês. No final desse ano, ainda surgem o mensário *Ecran* (Setúbal, 1931) e o semanário *A Legenda* (Coimbra, 1931).

Este conjunto verdadeiramente extraordinário de revistas acabaria por despertar, em Portugal, uma mudança de interesse acerca da arte cinematográfica, em vésperas da passagem do cinema mudo para o sonoro.

COLABORADORES E RUBRICAS

Em *Cinema*, **são recorrentes as mesmas rubricas**. Desde logo, aquela que faz de editorial, assinada pelo seu diretor: “O Cantinho dum Cinéfilo”. As rubricas mais presentes mantêm, desde o início da publicação, **um predomínio sobre os temas do cinema estrangeiro**, dando conta da evolução cinematográfica e das histórias dos artistas mais afamados (“Dentro e Fora dos Estúdios”, “Ouvimos dizer...”, “Efemérides”, “Confidências...”, “Nesta semana fazem anos...” e “Caprichos das Estrelas”). Uma rubrica dedicada à “Correspondência” dos leitores é quase sempre assinada por “Eu Sei Tudo”, pseudónimo de **Alberto Armando Pereira**, que já o usara no *Porto Cinematográfico*. “Carta de Hollywood”, de **João Portugal**, chega diretamente do epicentro do cinema americano, dando conta das novas produções, das estreias e dos prémios anuais.

Lembre-se que a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood fora criada em 1927, de forma a incentivar a produção de obras de qualidade técnica e artística. A primeira entrega de prémios foi realizada em

1929, sendo que, até 1940, os jornais recebiam a lista de premiados antecipadamente e assumiam o compromisso de só divulgá-la no final da noite.

Esta é uma revista que, para além do seu diretor e redatores permanentes, **recorre ao seu correspondente em Hollywood, ou a textos de outros autores, sobretudo estrangeiros, traduzidos ou também adaptados, versando perspectivas diversas sobre o cinema.** Contam-se entre os autores: Alfred Miralles, Alfredo Hill, Allan Roberts, Amadeu Carvalho, Benjamin de Casseres, Carmen Pinillos, Claude Doré, Conchita Urquiza, Fernando Rondón, Genova, Gregory Williams, Greta Garbo, J. B. Valero, James M. Fildes, Katherine Albert, Laura Ellsworth Fitch, Lucie Derain, Mame House, Manuel P. de S., Maria Eduarda, Mary Spaulding, Mary Whiting, Max Saleiche, Nevot, Rachel Bilac, Remy Garrigues, Sunlight, Susan Mason, Tommy Cliford, Victor Janson, Xavier d'Atães.

Em diferentes números decorrem excertos de **“Tabu”** (“Tabu, a Story of the South Seas”, no original em inglês), filme norte-americano mudo de 1931, o último dirigido pelo cineasta alemão F. W. Murnau, em coprodução com o documentarista norte-americano Robert Flaherty, cujo argumento se baseia em Matahi e Reri, dois jovens nativos de Bora-Bora que estão apaixonados. Não é de estranhar que a direção da revista *Cinema* releve esta película, nas suas páginas, já que, para além de ter estreado no ano anterior, **era visto como uma das últimas grandes produções do cinema mudo** (o sonoro surgira dois anos antes), tal como “Luzes da Cidade”, **e rompera com o sistema de estúdios vigente em Hollywood, abrindo caminho para a realização de filmes independentes**, bem como surpreendendo pela captação do esplendor da natureza.

A finalizar o trajeto desta revista, **é grande o destaque para “Mata Hari”, com interpretação de Greta Garbo, já diva do cinema mundial que estreou este filme (segunda adaptação ao grande ecrã), precisamente em 1931, um clássico a preto e branco, dirigido por George Fitzmaurice, com êxito sem precedentes**, o qual retrata a ousadia e os esquemas da famosa dançarina e espiã de origem holandesa, durante a Primeira Guerra Mundial, supostamente ao serviço do exército alemão.

Esta publicação viveu de um quase permanente registo semelhante de **anúncios**, dando sobretudo conta das estreias e exhibições em salas de cinema da cidade do Porto, bem como publicitando os mais modernos aparelhos sonoros para cinema e os postais de artistas editados pelo próprio diretor da revista. No fim de cada número, o destaque é para a distribuidora de filmes Castelo Lopes, L.^{da} (fundada em 1917), apresentada como “a firma detentora dos melhores filmes europeus e americanos”, adiantando-se o seguinte num dos anúncios: “Nenhum exibidor português deve preencher as suas datas sem consultar a lista de Castelo Lopes, L.^{da}”.

Alberto Armando Pereira foi responsável pelo cinema Trindade (a partir de 1931), fundador do Cine Clube do Porto (n.º 90) e sócio-gerente da Aliança Filme, empresa de distribuição cinematográfica (1935), mas que um incêndio devastador fez com que o seu proprietário abandonasse a atividade

cinematográfica e até se radicasse em Lisboa [1948], triste fim de quem, pioneiramente, procurou acompanhar analiticamente a evolução do cinema no mundo, na transição do mudo para o sonoro, permitindo uma atualização relativamente à produção, distribuição e exibição pelo mundo e inculcando nos cinéfilos desse tempo o sentido crítico.

Jorge Mangorrinha

Lisboa, Hemeroteca Municipal, 25 de Fevereiro de 2014

Bibliografia Consultada

Cinema: semanário cinematográfico (1932). Porto: [Alberto Armando Pereira].

COSTA, Alves (1978), *Breve história do cinema português (1896-1962)*. Biblioteca Breve – Série Artes Visuais, vol. 11. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa / Secretaria de Estado da Investigação Científica / Ministério da Educação e Investigação Científica, Fevereiro.

GOMES, Joaquim da Silva (2004), “Alberto Armando Pereira. O crítico de Cinema”, *Antologia de Bracarenses Ilustres*. Braga: Joaquim da Silva Gomes, Fevereiro, pp. 190-192.

RAMOS, João Leitão (1989), *Dicionário do cinema português (1962-1988)*. Lisboa: Caminho.